

**REDES SOCIAIS E A DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA
SOBRE A PANDEMIA PARA AS CRIANÇAS:
IMPLICAÇÕES NA EDUCAÇÃO****SOCIAL MEDIA AND SCIENCE
COMMUNICATION ABOUT THE PANDEMIC
FOR CHILDREN: IMPLICATIONS FOR
EDUCATION**

Laiane Soares Couto^{1,*} /
Fernanda de Deus Junqueira¹ /
Juliane dos Santos Amorim¹ /
Elenice de Brito Teixeira Silva²

INTRODUÇÃO

Em março de 2020 foi instituída pela Organização Mundial da Saúde, a pandemia de COVID-19, causada pelo novo coronavírus, o SARS-CoV-2 (OPAS, 2022). Nessa conjuntura, foi evidenciado que o melhor modo de prevenir e retardar a transmissão seria estar bem informado sobre o vírus (OMS, 2022). Entretanto, junto com o crescimento a importância do conhecimento científico viu-se também um aumento dos discursos de negação da ciência, o negacionismo científico. Diversas informações falsas, sobre o vírus da COVID-19, a pandemia, e as vacinas produzidas, foram disseminadas por diferentes tipos de mídias.

Essas questões colocaram ainda mais em voga a necessidade da divulgação científica de informações sobre o vírus, que interferiu na vida de bilhões de pessoas, o que inclui as crianças. As crianças são indivíduos com especificidades que, no decorrer da infância, percorrem subgrupos etários e variam sua locomoção, expressão, autonomia de movimento, entre outras. Portanto, são seres sociais (SARMENTO, 2005). Isso significa que estão presentes em todas as camadas sociais, portanto, refletem as relações vivenciadas em sua realidade no modo de agir.

RESUMO

A pandemia de COVID-19 alterou as formas de organização social, sobretudo em relação aos espaços frequentados e acessados pelas crianças. Esta alteração pode ser focalizada nas condições sócio-econômicas das famílias e no fechamento das escolas, mas também no aumento do uso de telas, acesso às Redes Sociais e conteúdos da Internet pelas crianças mais cedo. Este contexto nos leva ao papel das fontes de informações sobre a pandemia acessadas pelas famílias e crianças, que constituiu o objetivo da pesquisa realizada no âmbito do Observatório da Infância e Educação Infantil da Universidade do Estado da Bahia. A partir da análise de dados de questionários, concluímos que as famílias utilizaram sobretudo a Internet (incluindo redes sociais), rádio e TV, como fontes sobre a pandemia, que consequentemente alcançaram as crianças. Isso evidencia a responsabilidade social desses veículos com a cientificidade da informação, e da escola e adultos na problematização dos conteúdos com as crianças.

Palavras-chave: COVID-19; crianças; divulgação científica; pandemia.

ABSTRACT

The COVID-19 pandemic has changed the forms of social organization, especially in relation to the spaces frequented and accessed by children. The changes focused cover socio-economic aspects of families and school closures, but also in the increased use of screens, access to Social Media and Internet content by children earlier. This leads to the role of sources of information about the pandemic accessed by families and children, which is the objective of the research carried out within the scope of the Observatory of Childhood and Early Childhood Education of the University of the State of Bahia. Through the analysis of questionnaire data, we concluded that families mainly used the Internet (including Social Media), radio and TV, as sources about the pandemic, which consequently reached children. This presents the social responsibility of these vehicles with the scientificity of information, and the school and adults in the problematization of content with children.

Keywords: COVID-19. Children. science communication. pandemic.

Submetido em: 26 de set. 2022

Aceito em: 04 de nov. 2022

¹Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Caetitê, Bahia – Brasil

²Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Guanambi, Bahia – Brasil

*E-mail para correspondência: laiane.coutobio@gmail.com

As crianças tiveram seu cotidiano modificado de inúmeras formas, que incluem a interrupção das atividades presenciais nas escolas, problemas de saúde, condição financeira de suporte de cuidados das famílias, entre outras questões familiares, como evidenciam pesquisas realizadas no contexto da pandemia (AMORIM, RIBEIRO e SILVA, 2021; FOLINO et. al., 2021). Para além disso, as crianças são expostas diariamente a notícias sobre o vírus e seus impactos, isso torna indispensável que o público infantil participe de discussões sobre o tema (WANG et. al., 2020). Este ponto reflete a divulgação da ciência como forma de conscientização, isto é, possibilitando que as crianças participem do momento pandêmico conscientes dos processos a quais foram submetidas.

No contexto pandêmico em que ainda vivenciamos, é extremamente necessário visibilizar a situação das famílias e crianças dos territórios baianos do Sertão Produtivo e Velho Chico. Visibilização essa, desencadeada pelos trabalhos do Observatório da Infância e Educação Infantil – ObEI, iniciados em 2020. Durante muito tempo, as crianças foram negligenciadas nos indicadores, e por vezes ainda são, e o ObEI vem trabalhando - e produzindo - em dois territórios baianos, para modificar essa realidade.

Para compreender os impactos diretos da COVID-19 nas crianças e o modo como a informação, sobre a doença, que chega até as famílias, é necessário também um recorte social e econômico. Pois, as diferentes realidades formam diferentes infâncias, e diferentes modos de adaptação à situação imposta pelo vírus. Quando é possível visualizar quais meios de informação são acessados pelas famílias e o público infantil, podemos construir novas formas de divulgação do conhecimento científico especificamente nesses meios, promovendo assim a divulgação da ciência que reflete diretamente no posicionamento diante da doença. Neste sentido, a presente pesquisa visa conhecer a situação das famílias e crianças do território do Sertão Produtivo e Velho Chico durante a pandemia de COVID-19, investigando aspectos socioeconômicos e impactos diretos da COVID-19 e identificando as fontes de informações sobre a pandemia acessadas pelas famílias e crianças.

METODOLOGIA

A presente pesquisa possui uma abordagem qualitativa a partir de dados quantitativos, e está inserida no Observatório da Infância e Educação Infantil – ObEI, projeto integra os campi da Universidade do Estado da Bahia das cidades de Caetité, Guanambi, Brumado e Bom Jesus da Lapa, situados nos territórios de identidade conhecidos como Sertão Produtivo e Velho Chico. Sendo assim, a população de amostra são crianças e bebês com idade entre 0 a 6 anos, matriculadas na Educação Infantil, e residentes nos 37 municípios dos territórios de identidade anteriormente citados. Com a finalidade de compreender o contexto – educacional, social e econômico - das vivências, e informações obtidas pelas crianças durante/sobre a pandemia de COVID-19, suas famílias também são consideradas na pesquisa.

A pesquisa foi construída em três etapas, a primeira consistiu na revisitação da literatura, para compreender a importância da divulgação científica para/com as crianças e o papel deste processo durante a pandemia. A segunda etapa englobou a realização de uma pesquisa de campo, organizada pelo ObEI, por intermédio de um questionário/formulário confeccionado no Google Forms, que distribuído ao público através das Redes Sociais, com a intenção de saber como as crianças e suas famílias, residentes no Sertão Produtivo e Velho Chico, estão vivenciando as mudanças provocadas pela pandemia de COVID-19. Para tanto, foram elaboradas perguntas relacionadas, questões econômicas, de saúde, brincadeiras e a relação com as pessoas, a natureza e as tecnologias digitais, sendo 27 questões em sua totalidade. Das 27 ques-

tões, 10 são consideradas nos resultados, devido ao objetivo proposto na pesquisa. As questões que são apresentadas a frente englobam os municípios participantes da pesquisa, locais onde residem as famílias, renda, quantidade de crianças nas famílias, raça/etnia, tipo de escola frequentada, impactos diretos da COVID-19 nas crianças, a comunicação familiar sobre a doença e os meios de informação sobre a pandemia utilizados pelas famílias.

A terceira etapa refere-se a análise dos dados obtidos na pesquisa, que inicialmente foi estatística, que englobando construção de indicadores a partir do questionário. Após isso, foi interpretativa, sendo a análise e entrecruzamento das variáveis do estudo. Os resultados obtidos, a partir desses processos, são apresentados e discutidos a frente.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

1. Indicadores Socioeconômicos das famílias

Os resultados aqui apresentados foram obtidos através de um questionário elaborado no *Google forms*. Ao todo, foram obtidas 605 respostas, sendo consideradas 605 famílias, advindas de 27 municípios, que originaram Relatório de pesquisa: Infância e Pandemia nos Territórios do Sertão Produtivo e Velho Chico, publicado de forma eletrônica pelo OBEI em 2021 (TEIXEIRA et. al., 2021). Os municípios que retornaram os questionários foram Bom Jesus da Lapa (28,43%), Licínio de Almeida (12,40%), Carinhanha (10,41%), Serra do Ramalho (7,44%), Caculé (7,27%), Caetité (6,94%), Guanambi (6,45%), Candiba (3,97%), Riacho de Santana (3,31%), Urandi (3,31%), Ibiassucê (2,64%), Lagoa Real (1,98%), Brumado (1,16%), Matina (0,99%), Pindaí (0,66%), Tanque Novo (0,33%), Palmas de Monte Alto (0,33%). Outros 12 municípios tiveram apenas um questionário devolvido em cada, devido a isso são agrupados e formam 1,98%, das respostas obtidas.

Dentre os 27 municípios participantes, um não pertence aos dois territórios de identidade da pesquisa, a cidade de Licínio de Almeida. Entretanto, devido à proximidade com o campus VI da UNEB (Caetité), como exceção, também foi considerada no processo de análise dos dados. Dentre as 605 famílias participantes da pesquisa, mais da metade residem na zona urbana (65,95%). As demais residências abrangem, 19,50% na zona rural, 2,31% em comunidades quilombolas, 1,98% em povoados, 1,98% em vilas, 1,98% em distritos, 1,84% em assentamentos, 1,32% colocaram que residiam em outros locais e 3,14% não especificaram.

A maior parte das famílias entrevistadas, cerca de 66,61%, possui em sua configuração apenas uma criança de 0 a 6. A outra parte dos resultados abrange 26,78% de famílias com 2 crianças e 6,61% com 3 crianças ou mais. E a partir da classificação do IBGE, as crianças em sua maioria são negras (mais de 74,5%), resultado da soma entre crianças pretas (9,92%) e pardas (64,13%). Além disso, entre todas as crianças, 98% estão matriculadas em escolas da rede pública de ensino, apenas 2,1% frequentam escolas privadas.

No que respeito à renda familiar, 43,10% recebem menos de um salário mínimo mensalmente e 37,70% um salário. Sendo assim, mais da metade sobrevivem com um salário mínimo ou menos. Quase metade adultos (49,30%) perderam sua fonte de renda durante a pandemia.

A partir dos dados apresentados anteriormente é possível observar uma variedade de locais de habitação como: zona urbana, comunidades rurais, quilombolas, assentamentos e vilas. Outro ponto relevante é que a maior parte das famílias sobrevivem com menos de um salário mínimo, e quase metade perdeu parte de sua fonte de renda durante o período.

do pandêmico. É possível perceber que isso se reflete na maior frequência de crianças que estão matriculadas em escolas da rede pública de ensino.

Como é discutido por Sarmiento (2005), as crianças são atores sociais e, portanto, participam das estratificações sociais existentes, de raça, gênero, classe e local de residência. Esses aspectos sociais e econômicos diferenciam as crianças. Isso mostra a impossibilidade de existência de uma infância padronizada para todas as crianças, principalmente quando se reflete sobre a infância no contexto de pandemia. Tudo o que este público produzir e acessar será um reflexo de todos os indicadores sociais que os permeiam, e para compreender/estudar aspectos que se relacionados ao grupo torna-se imprescindível traçar um perfil com suas características sociais e econômicas.

2. Crianças e a relação direta com a pandemia: contaminações e comunicação familiar

Este tópico se refere às respostas obtidas acerca da interferência direta da COVID-19 na vida das crianças e suas respectivas famílias. Entre as famílias ouvidas, 79% disseram que as crianças não apresentam sintomas, testaram positivo para COVID-19 ou perderam algum familiar para a doença.

Segundo os dados obtidos, 40 famílias (7%) apresentaram casos da doença, com uma ou mais crianças testando positivo. E 10% das participantes disseram ter perdido algum familiar (de primeiro ou outros graus) para COVID-19. Devido à alta taxa de subnotificação dos casos do novo coronavírus do Brasil, causada pelo baixo índice de testagem, existe uma tendência de que os números de contaminações e mortes sejam maiores no que os notificados. Isso traz a preocupação de até que ponto os números oficialmente publicados refletem a realidade.

A maioria das famílias participantes, 95,40%, alegou que houve comunicação com as crianças sobre a pandemia. Entre as 605 famílias ouvidas, apenas uma não respondeu este questionamento. Quase metade das famílias ouvidas, 40%, se informou sobre a pandemia através da Internet (incluindo redes sociais e outros sites), 38% disseram que obtinham informações pela televisão ou rádio, e 21% através de profissionais da saúde ou educação.

A maior frequência de comunicação dos familiares com as crianças acerca da COVID-19 é um ponto muito interessante. Como Sarmiento (2005) defende, as crianças são capazes de fazer suas próprias interpretações da sociedade. Como seres sociais que são, as crianças visualizam, absorvem e questionam as mudanças que ocorrem no meio, e isso traz uma necessidade de que os adultos discutam sobre essas questões diretamente com elas. A pesquisa do ObEI evidencia como as crianças foram afetadas pelas informações e conteúdos veiculados sobre a pandemia, discutindo temas que as crianças destacam em fotos, áudios, desenhos e vídeos (AMORIM, RIBEIRO e SILVA, 2021).

Os locais de obtenção de informações são outra questão a se destacar. A maioria das famílias utilizou como fontes sobre a pandemia, a Internet (incluindo redes sociais), rádio e TV, que conseqüentemente também foram fontes de informação das crianças. A partir disso é possível identificar que as redes sociais são fortes ferramentas a serem utilizadas para divulgação científica - principalmente em um contexto pandêmico e de distanciamento social - pela rápida difusão e adesão. Em tempos em que se difundem informações falsas em redes sociais, a ciência tem o papel de abranger esses meios, através da divulgação de informações com fontes fidedignas.

Quando se divulga ciência, principalmente desde a infância, é enfraquecida a ideia de que divulgação científica é apenas repassar uma informação, garantindo acesso ao que foi produzido, e ganha força a concepção de formação do cidadão (BUENO, 2012). Desse modo, as crianças crescerão envolvidas entre o meio científico, participando da produção

da ciência. Esse acesso é fundamental para a formação de modos de agir e opinar sobre as produções que lhes chegam, pois, desde a infância tiveram acesso a este tipo de conteúdo e aos processos que lhes cercam.

CONCLUSÕES

A partir dos resultados obtidos é possível identificar que a COVID-19 impactou diretamente nas famílias e crianças do Sertão Produtivo e Velho Chico. No que diz respeito a questões socioeconômicas, os impactos econômicos foram destaque. A maioria das famílias sobrevive com um salário ou menos, e quase metade perderam fonte de renda devido a pandemia. Na saúde diretamente, somente 7% das crianças foram contaminadas, e 10% perderam parentes, mas devido a falta de testagem e subnotificação dos casos, pode haver uma grande divergência nestes números.

A comunicação familiar é um ponto a se destacar, entre as famílias, mais de 95% discutiram com as crianças sobre a doença. E 78% das famílias obtiveram informações sobre a COVID-19 através internet, televisão ou rádio. Esses dados encontrados são ferramentas chave para a construção da divulgação científica sobre a doença entre as crianças nas fontes acessadas. Concluímos que o papel da escola é importante para problematizar as informações que chegam às crianças, majoritariamente pelas Redes Sociais, tendo em vista a construção de modo de perceber, selecionar e agir diante de situações que acontecem ao seu entorno, especificamente em um problema com dimensões de uma pandemia que afeta a saúde a vida de todos e todas.

REFERÊNCIAS

- AMORIM, J. dos S.; RIBEIRO, L. M. de S. A.; SILVA, E. de B. T. UM ANO SEM ESCOLAS! NARRATIVAS DE CRIANÇAS EM TEMPOS (IM)PREVISTOS. *Revista Prâksis*, [S. l.], v. 3, p. 113–138, 2021.
- BUENO, C. C. **Imagens de crianças, ciências e cientistas na divulgação científica para o público infantil**. Dissertação (Mestrado em Divulgação científica). Campinas, SP: Universidade Estadual de Campinas, 2012.
- FOLINO, C. H. *et al.* A percepção de crianças cariocas sobre a pandemia de COVID-19, SARS-CoV-2 e os vírus em geral. *Cadernos de Saúde Pública*, v. 37, n. 4, 2021.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo Demográfico Brasileiro**. 2010.
- ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DE SAÚDE (OPAS). Histórico da pandemia de COVID-19. **Organização Pan-Americana da Saúde**, 2022. Disponível em: <<https://www.paho.org/pt/covid19/historico-da-pandemia-covid-19>>. Acesso em: jul. 2022.
- ORGANIZACIÓN MUNDIAL DE LA SALUD (OMS). Coronavírus. **Organización Mundial de la Salud**, 2022. Disponível em: <https://www.who.int/es/health-topics/coronavirus/coronavirus#tab=tab_1>. Acesso em: jul. 2022.
- SARMENTO, Manuel Jacinto. Gerações e alteridade: interrogações a partir da sociologia da infância. **Educação & Sociedade**, v. 26, n. 91, pp. 361-378, 2005.
- TEIXEIRA, A. M. P. *et al.* **Relatório de pesquisa [livro eletrônico]: Infância e Pandemia nos Territórios do Sertão Produtivo e Velho Chico [Bahia - 2021]**. -- Caetité, BA: Juliane dos Santos Amorim, 2021. PDF.

WANG, G. *et al.* Mitigate the effects of home confinement on children during the COVID-19. **Lancet**, v. 395, p. 945-947, 2020.